



A APRENDIZAGEM PERMANENTE NA CONTEMPORANEIDADE

Mário José Puhl¹

Introdução

A preocupação com a educação escolar emerge no contexto do projeto da modernidade. Práxis social com intencionalidades e permeada por tensionamentos em torno do seu sentido, do percurso pedagógico, dos conteúdos a serem ensinados, da formação docente, dentre outros aspectos. É atravessada por compreensões da condição humana e de efetivação desta compreensão, bem como pelas relações humanas em sociedade a serem criadas e constituídas, para viabilizar condições razoáveis de um mundo comum.

Uma das tarefas colocadas à educação escolarizada refere-se à aprendizagem. Balizado no pensamento de Zigmunt Bauman, este trabalho aborda a temática da aprendizagem permanente, a transição do paradigma educacional centrado no ensino para a aprendizagem. Percurso realizado com base na revisão de literatura, com tratamento qualitativo dos dados, objetivando compreender como este pensador caracteriza o caráter permanente no contexto da modernidade líquida e seus desdobramentos na práxis educacional.

O texto está organizado em duas seções, sendo que na primeira aborda o plano educacional no âmbito da modernidade e, na segunda, tematiza o projeto da educação permanente, focada na aprendizagem, no contexto da modernidade líquida.

Resultados e discussão

A temática da educação e a preocupação com a sua instituição, na condição de uma política pública, têm sido uma das tônicas dos pensadores do movimento filosófico do Iluminismo. O acesso e a aprendizagem do conhecimento, historicamente produzido e em caráter científico, constitui um dos pilares da modernidade ocidental, como condição central

¹ Doutor em Educação nas Ciências – UNIUI. Professor nas Faculdades Integradas Machado de Assis – FEMA, Santa Rosa, RS. mariopuhl@yahoo.com.br



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

para a formação do cidadão e a constituição de sua autonomia ou maioridade. Um acesso instituído e caracterizado no espaço, lugar e tempo, a Escola – em todos os níveis de ensino –, cuja instituição deveria ser de caráter republicano e laico.

O princípio da laicidade contempla o aspecto da universalidade no acesso; a livre circulação, estudo, compreensão e produção de ideias e conhecimento científico; a universalidade do conhecimento; a não defesa de um determinado credo religioso e nem a defesa de uma determinada corrente de pensamento político ou de governo; e, a responsabilidade por parte do Estado pela instituição e manutenção das escolas.

Um projeto educacional relacionado com um paradigma civilizatório que preza pelo estabelecimento de uma ordem societária, fundada na democracia, republicanismo, liberdade e regulação legal das relações humanas em termos constitucionais. A escola fora pensada como uma instituição funcional ao estabelecimento da ordem, sendo esta uma de suas tarefas na modernidade. É possível pensar nela como um lugar e tempo nos quais as pretensões legisladoras dos intelectuais modernos e as ambições ordenadoras do Estado são efetivadas, entende Bauman (2010).

A educação escolarizada representou, no contexto da modernidade, um projeto capaz de fazer da instrução dos indivíduos uma das responsabilidades a serem assumidas pelo Estado e de corresponsabilidade da sociedade. Constitui um direito e dever do Estado formar os cidadãos, em sintonia com o projeto de nação, garantir uma conduta social adequada, ou seja, no caminho tornar os cidadãos responsáveis pela conservação da ordem societária, dados os dispositivos de organização e de tomada de decisões, dos assuntos públicos, nas quais a opinião e as escolhas têm legitimidade democrática.

Bauman (2010) caracteriza a educação escolarizada, na modernidade sólida, como um projeto e uma prática de uma sociedade amplamente administrada. Define a escola como um lugar – *locus* – a partir do qual se universalizava os valores, os princípios, as normas, os preceitos balizadores da humanização, da socialização dos indivíduos e para a constituição da ordem social. Os intelectuais, ou seja, os educadores e os professores são vistos como os responsáveis pela instrução das novas gerações que adentram o mundo, por fornecer os conhecimentos e pela assimilação das regras pelos neófitos.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Na obra *A sociedade individualizada*, o autor polonês em tela, identifica, por analogia, um processo fabril de uma certa ordem, destinada à produção de corpos disciplinados, eficientes e ajustados à ordem e a analisa tomando em conta a transição da modernidade sólida para a modernidade líquida. Infere que o projeto educacional esboçado no âmbito da modernidade ocidental encontra-se em crise, cuja origem está situada na desconstituição das instituições públicas e do paradigma filosófico da modernidade sólida.

Outro aspecto destacado por Bauman (2007; 2008) é a perspectiva de longa duração, desse projeto educacional. Desenvolve a tese de que, concebida para um mundo ordenado, no qual tudo o que se encontrava solidamente estruturado se desmanchava no ar sob a promessa de organizações mais permanentes do que aquelas que começavam a ruir. A forma escolar moderno-sólida tinha em mente perspectivas de uma duração de longo prazo, as quais estavam ancoradas em um processo educacional que, apesar das novidades e mudanças, das possíveis intercorrências e transformações, buscava formar os educandos com uma educação para toda a vida. O conhecimento possuía um sentido proporcional à sua duração e a instituição escolar tinha qualidade na medida em que oferecia e garantia esse saber de valor duradouro, em conformidade com o mundo no qual estava inserido e para o qual realizava a ação pedagógico.

De acordo com o pensamento de Bauman (2001), a transição da modernidade sólida para a modernidade líquida², instaurou uma crise, afetando todos os aspectos da vida humana, em termos privados e públicos. Com a passagem da modernidade sólida à modernidade líquida, o ordenamento perene do mundo, a ordem societária e uma compreensão de que os humanos possuem uma natureza – algo dado, pronto, constituído sem a deliberação humana –, os sentidos educacionais e o processo pedagógico encontram-se em crise. Com efeito, eram justamente esses pressupostos que buscavam perfectibilizar a transmissão dos conhecimentos

2 Bauman (2003, s. p.) denomina a contemporaneidade de modernidade líquida em vez de pós-modernidade. Pós-modernidade, para este pensador, significa uma sociedade ou condição humana, e pós-modernismo diz respeito à uma visão de mundo que pode surgir, mas não de forma inexorável, da condição pós-moderna. “[...] Ser pós-modernista significa ter uma ideologia, uma percepção do mundo, uma determinada hierarquia de valores que, entre outras coisas, descarta a ideia de um tipo de regulamentação normativa da comunidade humana e assume que todos os tipos de vida humana se equivalem, que todas as sociedades são igualmente boas ou más; enfim, uma ideologia que se recusa a fazer julgamentos e a debater seriamente questões relativas a modos de vida viciosos e virtuosos, acredita que não há nada a ser debatido. Isso é pós-modernismo”. A modernidade líquida caracteriza-se pela transitoriedade, pelo temporário. Tal como os líquidos, uma sociedade líquida é incapaz de manter a forma.”



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

aos néscios e forneciam aos professores a autoconfiança para assegurar que o aluno memorizasse e gravasse o conhecimento em sua mente. Uma dinâmica que “[...] presumia ser, para todo o sempre, justa, bela e boa – e, por estas razões, virtuosa e nobre”, assinala Bauman (2002, p. 50).

Ao não mais diferenciar-se o que é algo durável do que é descartável e ao igualar-se a educação a qualquer outro tipo de serviço, oferecido pelo mercado e sua lógica econômica, define-se o conhecimento como um produto a ser consumido e substituído rapidamente por um outro, tal como uma informação fortuita. O conhecimento historicamente produzido e conservado, também se coaduna àquela lógica de pensamento e ação humanas. Essas condutas humanas trazem, no entender de Bauman (2009), dois desafios pedagógicos.

O primeiro se refere à proposição, definição e utilização de conteúdos e conhecimentos prontos para sua utilização imediata e, na sequência, para sua substituição, tal como ocorre com outros produtos ou programas computacionais ‘atualizados’ permanentemente e substituídos. Apela-se para conteúdos atraentes, modernos, flexíveis, em contraposição àqueles constantes no projeto de uma sociedade estruturada e sólida. Como desdobramento desta postura pedagógica, advoga-se a opinião de que se a pedagogia pretende “[...] ser um ‘produto’ destinado à apropriação e à conservação, é uma ideia desagradável e contrária à pedagogia institucionalizada”, observa Bauman (2009, p. 663).

O segundo desafio, relaciona-se com os princípios fundamentais da pedagogia, pois deriva da característica excêntrica e essencialmente imprevisível das mudanças contemporâneas. Desafia o conhecimento a ser conservado, produzido e reproduzido nos espaços escolares. “[...] O conhecimento sempre foi valorizado por sua fiel representação do mundo, mas o que aconteceria se o mundo mudasse, recusando continuamente a verdade do conhecimento ainda existente e pregando de surpresa inclusive as pessoas ‘mais bem informadas’?”, indaga Bauman (2009, p. 663).

O mundo transitou do conhecimento para a realidade da informação, cada vez mais rápida, maior e substituível. Contexto que traz aos educadores desafios e tarefas anteriormente não enfrentados, seja para a educação ou para viver, uma vez que a “[...] arte de viver em um mundo ultrassaturado de informações ainda deve ser aprendida, assim como a arte ainda mais difícil de educar o ser humano neste novo modo de viver”, indica Bauman (2009, p. 667).



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Um dos desafios a serem enfrentados no contexto da disseminação de informações, elencados por Bauman (2009), é o da aprendizagem terciária. Ela promove a formação de competências de modo a dismantelar os esquemas cognitivos aprendidos anteriormente, reduzindo os estudantes ao patamar idêntico ao de um plâncton (planta sem ponto de referência fixo). Está em permanente início, sem base para recomeço, um dispositivo contrário à conservação do conhecimento e da memória.

[...] A aprendizagem terciária não deixa um sedimento duradouro, uma base sólida sobre a qual se pode construir, tampouco conhecimentos que podem sedimentar-se e crescer durante o curso dos estudos. O processo de aprendizagem terciária (presumindo-se que se possa falar de processo em tal caso) é uma sucessão infinita de novos inícios, devida antes de tudo ao rápido cancelamento dos conhecimentos progressos, mais que à aquisição de novos conhecimentos; parece uma espécie de cruzada contra a manutenção e a memorização dos conhecimentos. A aprendizagem terciária poderia, assim ser definida como um dispositivo antimemória. (BAUMAN, 2009, p. 669).

O sentido da educação escolarizada, diferentemente da informação, necessita estar alicerçada em programas de estudos e no processo de aprendizagem destes conteúdos estabelecidos. Na modernidade líquida, as instituições de ensino encontram-se submetidos à pressão de uma desinstitucionalização e são permanentemente persuadidos a abrir mão de sua lealdade aos princípios do conhecimento, sempre colocado em dúvida, quanto ao seu sentido e legitimidade, propondo-se a flexibilização do processo educacional escolar. A centralidade do processo pedagógico e da gestão educacional são deslocados do ensino para a dimensão da aprendizagem³.

Um efeito muito evidente dessas pressões, verificado pelos teóricos e integrantes do sistema educacional, é o evidente deslocamento de ênfase do 'ensino' à 'aprendizagem'. Imputar aos estudantes a responsabilidade de determinar a trajetória do ensino e da aprendizagem (e, portanto, de suas consequências pragmáticas) reflete a crescente falta de vontade dos alunos de assumir compromissos de longo prazo, reduzindo assim o leque de opções futuras e limitando o âmbito da ação. Outro efeito evidente das pressões desinstitucionalizantes é a 'privatização' e a 'individualização' dos processos e das situações de ensino e aprendizagem, além da gradual e inexorável substituição da relação ortodoxa professor-aluno por aquela de fornecedor-cliente, ou aquela centro comercial-comprador (BAUMAN, 2009, p. 670).

3 Essa compreensão da educação é evidenciada na BNCC, o qual “[...] é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus **direitos de aprendizagem** e desenvolvimento, [...]” (BRASIL, s. d., p. 7).



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Neste ambiente, a prática educativa necessita abandonar os referenciais rigidamente estruturados, adotando um processo formativo aberto, ou seja, sem uma previsão inicial dos objetivos didáticos e educacionais claramente estabelecidos, opondo-se ao caráter teleológico da educação. Bauman (2009) compara o novo paradigma educacional aos mísseis inteligentes, em substituição aos mísseis balísticos. Os mísseis inteligentes permitem que, após o seu lançamento, a sua trajetória pode ser modificada, ajustada, tendo presente a evolução dos acontecimentos e informações levantadas relativas ao alvo. Mesmo que os mísseis inteligentes sigam a estratégia da racionalidade instrumental, podem ser redirecionados a partir de novos comandos e objetivos a serem realizados, no percurso do voo.

O que a inteligência artificial, embutida neste equipamento, não pode esquecer ou deletar, é que o conhecimento adquirido e memorizado é eminentemente substituível, sendo eficaz apenas até o próximo comando. É útil por um determinado tempo ou cumprimento de tarefa e que a demonstração do sucesso está na competência em identificar o momento correto, adequado de eliminar, esquecer e substituir o que se tornou obsoleto e sem utilidade. Um processo de aprendizagem e esquecimento permanentes. Por outro lado, duas coisas devem ser preservadas: a competência de aprender algo novo em substituição ao existente e a necessidade de possuir algum tipo de conhecimento para sua operacionalidade.

A perspectiva da educação permanente trabalha com a lógica de que “[...] o conhecimento impetuoso do novo conhecimento e o envelhecimento igualmente rápido do velho se combinam para produzir, em larga escala, ignorância humana que continuamente reabastece (e até mesmo alimenta) as suas provisões”, escreve Bauman (2009, p. 674). O conhecimento necessita ser permanentemente renovado e atualizado, formando-se um círculo vicioso entre a carência permanente e a oferta constante e rápida. “Uma mudança educacional está cada vez mais ligada ao discurso da eficiência, da competitividade, do custo/eficácia e da ‘responsabilidade, sendo sua meta declarada comunicar à ‘força de trabalho’ as virtudes da flexibilidade, da mobilidade e ‘as competências de base associadas ao emprego’”, constata Bauman (2009, p. 676).

A educação permanente exalta a necessidade da aprendizagem constante, pelo esquecimento e substituição dos saberes anteriormente constituídos. Torna-se um aspecto auxiliar às responsabilidades associados à seleção e à aquisição das competências, com



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

desdobramentos ao indivíduo e sobre as escolhas realizadas no mundo do trabalho, igualmente fluido e constante transformação.

Considerações finais

No contexto da modernidade líquida, a educação e a aprendizagem, independentemente do possível destino ou motivo de sua realização, superando seu caráter pragmático, requerem que sejam realizadas de forma contínua e permanente. A razão de elas serem, nesta perspectiva, situa-se na tarefa de cada indivíduo ser chamado à participação nas deliberações dos assuntos públicos, dentre os quais situa-se a educação e a saúde. Isso porque as sociedades modernas reconhecem a soberania das decisões políticas como resultado das escolhas de cada cidadão, ao mesmo tempo em que o exercício da participação e da cidadania é um processo permanente.

Por outro lado, tomando-se por referência a dinâmica pragmática da educação, sintonizada com os interesses econômicos a aprendizagem permanente é direcionada para a lógica da substituição do conhecimento pela informação e do constante esquecimento desta, pela troca de uma informação por outra, buscando-se a adaptação permanente a esse processo. A memória e seus sentidos educacionais e epistemológicos é substituída pelo esquecimento, menos o de que há a urgência da aprendizagem constante. A transição do ensino para a aprendizagem, centrada na responsabilidade deste processo no aluno, retira, ainda que de forma sutil, a responsabilidade em responder pelo mundo comum e sua autoridade relativa à necessidade conhecer o conteúdo a ser ensinado.

Outro desafio colocado à educação consiste em não ajustar o processo da aprendizagem ao ritmo desenfreado das mudanças e à produção do descartável, presentes na lógica mercantil. O processo educacional requer um tempo de suspensão para que os estudantes, de forma equitativa, dispor de tempo e lugar para se apropriar do conhecimento historicamente produzido, potencializando sua responsabilidade futura pelo mundo comum. Tornar o mundo mais hospitaleiro à humanidade e demais formas de vida

A educação permanente, pautada no conhecimento, pode potencializar as condições de participação futura na sociedade, contribuir na compreensão alargada dos fenômenos humanos e naturais, na apresentação dialogada dos argumentos e orientar a tomada de decisões e deliberações. Processo que requer o conhecimento e a opção por condições



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

democráticas e republicanas da existência de mecanismos e de instituições que viabilizem a participação e a tomada de decisões. Acalentar a esperança também é uma dinâmica educacional permanente.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Legisladores e intérpretes**: sobre a modernidade, a pós-modernidade e os intelectuais. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 279 p.

BAUMAN, Zigmunt. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de Pesquisa**, [s. n.], v. 39, n. 137, p. 661-684, mai./ago. 2009.

BAUMAN, Zigmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Tradução José Maurício Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 324 p.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida líquida**. 2. ed. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 212 p.

BAUMAN, Zigmunt. **A sociedade líquida**. 2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1910200305.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

BAUMAN, Zigmunt. Desafios educacionais da modernidade líquida. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 148, p. 41-58, jan./mar. 2002.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Augusto de Souza Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 280 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. s.d. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Palavras-chave: Aprendizagem. Conhecimento. Educação permanente. Escola. Modernidade líquida.